

PATRICIA BOMTORIN

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS EM ITALIANO



ARARAQUARA – S.P.
2012

PATRICIA BOMTORIN

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS EM ITALIANO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo
Rodrigues

ARARAQUARA – S.P.
2012

Bomtorim, Patricia

Estudo das construções verbais paratáticas em italiano / Patricia
Bomtorin. – 2012

46 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Língua italiana. 2. Gramática. I. Título.

PATRICIA BOMTORIN

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS EM ITALIANO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo
Rodrigues

Data da defesa/entrega: 14/11/2012

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profª Drª Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: Profª Drª Fernanda Silva Veloso
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: Prof. Me. Bruno Neves Rati de Melo Rocha
Universidade Federal de Minas Gerais.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me apoiou em todas as fases da minha vida. Especialmente, aos meus pais Antonio Carlos Bomtorin e Cleide Aparecida de Oliveira Bomtorin, que sempre foram um modelo de dignidade e esforço. E aos meus irmãos Francisco Carlos Bomtorin e Fernando Henrique Bomtorin, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram em todos os momentos, bons ou ruins.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antonio Carlos Bomtorin e Cleide Aparecida de Oliveira Bomtorin, por sempre me apoiarem, mesmo quando havia dificuldades, e por me incentivarem a procurar sempre o meu máximo.

À minha orientadora Angélica Terezinha Carmo Rodrigues, por me proporcionar a oportunidade e o conhecimento necessário para atingir mais esse objetivo na minha vida.

Às professoras de italiano Maria Glória Cusumano Mazzi e Fernanda Veloso, que foram muito prestativas quando precisei consultá-las a respeito da língua italiana.

A todos os meus amigos que sempre estiveram ao meu lado quando precisei.

A todos aqueles que fizeram da minha graduação um momento mais feliz: Natália Bisio, Lilian Maia, Raquel Turci, Ana Luísa Ferrari, Maria Tereza Biajoti, entre tantos outros.

E àquela que fez dos meus dias em Araraquara muito mais alegres: Mariane Spadoto.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a estudar, na língua italiana, a ocorrência de um tipo particular de construção, a saber, as construções verbais paratáticas (CVPs, daqui em diante), anteriormente denominadas por Rodrigues (2006) de construções do tipo *foi fez* (CFFs). O presente trabalho é parte integrante do projeto de pesquisa “Gramaticalização de construções em línguas românicas: um estudo comparativo” (2011a), coordenado pela Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues nesta mesma instituição de ensino. As construções focalizadas nesta pesquisa, de acordo com Rodrigues (2006), formam-se a partir de dois ou mais verbos flexionados, conectados ou não pela conjunção *e*, como por exemplo: “*eu fui (e) comprei um carro*”, “*ele pegou (e) falou*”, em PB, e “*se ne va e piange*”, “*prendo e me ne vado*”, em italiano. A hipótese que se sustenta aqui, mantida do projeto de Rodrigues (2011a), é a de que essas construções se gramaticalizam a partir de construções coordenadas. Portanto, os objetivos deste trabalho constituem-se em (a) descrever e analisar as CVPs em italiano; (b) fazer um estudo comparativo entre as construções em Português do Brasil (PB) e em italiano; e (c) apresentar argumentos empíricos para a hipótese de que as CVPs derivam de construções coordenadas. Além de fazer parte do projeto de pesquisa mencionado anteriormente, as CVPs foram escolhidas como objeto de estudo dessa pesquisa pelo fato de que elas são muito recorrentes nas línguas românicas. Além disso, os estudos relativos a esse tipo de construção na língua italiana são escassos e essas construções residem como um aspecto da gramática italiana pouco estudado. Esta pesquisa fundamentou-se na abordagem funcional da gramática, buscando um diálogo com os estudos em gramaticalização e com a gramática das construções. O *corpus* utilizado neste trabalho (CORIS) contém dados da modalidade escrita da língua italiana.

Palavras-chaves: Funcionalismo. Gramaticalização. Verbos auxiliares. Coordenação. Italiano.

ABSTRACT

The present study aims at the occurrence of a particular type of construction in Italian language, namely the paratactic verbal constructions (henceforth, PVCs), previously named by Rodrigues (2006) as “*foi fez constructions*” (FFCs). The present study is part of the research project “*Gramaticalização de construções em línguas românicas: um estudo comparativo*” (2011a), supervised by Professor Dr Angélica Terezinha Carmo Rodrigues, developed in this University. The constructions analyzed here, accordingly to Rodrigues (2006), are described as a sequence of two or more inflected verbs, connected or not by the conjunction *and*, such as: “*eu fui (e) comprei um carro*”, “*ele pegou (e) falou*”, in Brazilian Portuguese (PB), and “*se ne va e piange*”, “*prendo e me ne vado*”, in Italian. The hypothesis sustained here, based on Rodrigues’ project (2011a), is that these constructions are grammaticalized out of coordinated constructions. Herein, the objectives of this research are: (a) present a description and an analysis of the PVCs in Italian (b) compare the constructions in Portuguese and in Italian; and (c) present empirical arguments on the hypothesis that the PVCs derive from coordinate constructions. Besides being part of the research project previously mentioned, we choose to work with the PVCs because of their recurrence in the Romanic languages. Furthermore, the studies related to this type of construction in the Italian language are scarce and these constructions consist as an aspect of the Italian grammar hardly studied. This research is based upon a functional approach of the grammar, seeking for a dialogue with the studies on grammaticalization and the grammar of the constructions. The *corpus* utilized in this work (CORIS) contains data from the written modality of the Italian language.

Keywords: Functionalism. Grammaticalization. Auxiliary verbs. Coordination. Italian.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Pronome Acusativo
AUX	Verbo Auxiliar
CFF	Construção do tipo <i>Foi Fez</i>
CVP	Construção Verbal Paratática
Fut.	Futuro
GC	Gramática de Construções
Ger.	Gerúndio
Ind.	Indicativo
Inf.	Infinitivo
Imp.	Imperativo
Imperf.	Pretérito Imperfeito
Part.	Particípio
part.	Partícula ¹
PB	Português do Brasil
PE	Português europeu
Perf.	Pretérito Perfeito
pl.	Plural
Prep.	Preposição
Pres.	Presente
refl.	Pronome Reflexivo
sg.	Singular
SPrep.	Sintagma preposicional
Subj.	Subjuntivo

¹ Algumas partículas italianas, como o *ne*, serão assinaladas apenas com a abreviação *part.*, sem especificação de que tipo de partícula se trata, uma vez que o estatuto gramatical desses elementos é complexo e não é o foco desta pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Gramática funcional	13
2.1.1 Gramaticalização	14
2.2 Gramática de Construções (GC)	16
3 AS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS (CVPs)	18
3.1 Propriedades das CVPs	18
3.2 A gramaticalização das CVPs	19
4 EVIDÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS	22
5 METODOLOGIA	25
6 ANÁLISE DOS DADOS	28
6.1 Verbos em posição de V1 nas CVPs <i>versus</i> verbos auxiliares	36
6.2 Gramaticalização das CVPs em italiano	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A língua italiana caracteriza-se pela riqueza da variedade dialetal. O italiano padrão, falado hoje na Itália, deriva dos dialetos da Toscana, especialmente o falado em Florença, um dos centros culturais mais importantes do país. O dialeto florentino, considerado o de maior prestígio nos séculos anteriores, especialmente em razão das obras de Dante Alighieri, Petrarca e Boccaccio, era considerado o italiano *standard*. No entanto, atualmente não encontramos mais este tipo de italiano em Florença. O italiano *neostandard*, que distancia-se consideravelmente do dialeto florentino, é a variedade que será analisada nessa pesquisa.

A sintaxe italiana é notavelmente complexa, principalmente no que diz respeito ao verbo. São numerosas as perífrases de tipo modal e temporal. Podemos destacar, por exemplo, os verbos *essere* (“ser”, “estar”) e *avere* (“ter”), que atuam como auxiliares na formação de tempos verbais compostos. Todavia, observamos o uso de construções que envolvem verbos cujo estatuto categorial desafia análises mais convencionais. Essas construções são identificadas aqui como Construções Verbais Paratáticas (CVPs, daqui em diante), em que verbos como *andare* (“ir”) e *prendere* (“pegar”), os quais serão analisados adiante, apresentam propriedades que contrastam com os verbos auxiliares que formam tempos compostos. Tais verbos constituintes das CVPs, que também não apresentam as mesmas propriedades que os verbos plenos, não são incluídos nas descrições tradicionais da gramática do italiano, assim como acontece com os verbos de mesma natureza em português. Portanto, são construções diferenciadas, com *status* independente, tanto no italiano, quanto no português. A ocorrência (1) é representativa de um caso de CVP de língua italiana:

- (1) Da quando era tornata dalla clinica sembrava guarita,
Desde que Voltar-Perf.Ind.3sg. de a clínica Parecer-Imperf.Ind.3sg. curada,

era abbastanza normale, poi la notte di Natale
Ser-Imperf.Ind.3sg. bastante normal, depois na noite de Natal

ha preso e si è buttata
Ter-Pres.Ind.3sg.AUX Pegar-Part. e refl. Ser-Pres.Ind.3sg.AUX Jogar-Part.

giù dalle scale
baixo de a escada

Desde que voltou da clínica, parecia curada, estava bastante normal, depois na noite de Natal, **pegou e se jogou** escada abaixo.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

A análise das CVPs na língua italiana a ser mostrada adiante considera tanto aspectos sintáticos quanto semântico-pragmáticos e morfossintáticos, assim como proposto em Rodrigues (2011a).

Quanto à configuração sintática, as CVPs do PB possuem uma “sequência de dois verbos, V1 e V2, em que em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais, ligados, ou não, pela conjunção *e*” (RODRIGUES, 2011a, p. 2). Em italiano, a sintaxe das CVPs é muito semelhante, como se pode notar na ocorrência (2):

- (2) Stando così le cose, Cossiga ieri **ha**
 Estar-Ger. assim as coisas, Cossiga ontem Ter-Pres.Ind.3sg.AUX
- preso e ha scritto a Mastella.**
 Pegar-Part. e Ter-Pres.Ind.3sg.AUX Escrever-Part. a Mastella.
 Estando assim as coisas, Cossiga ontem **pegou e escreveu** à Mastella.
 (Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

De acordo com Rodrigues (2009, 2011b), a relação das CVPs com as construções coordenadas é tida como fundamental para se explicar a emergência dessas construções em todas as línguas românicas. Rodrigues (2009, 2011b) propõe a hipótese de que as CVPs, em PB, representam um tipo de construção de foco que se gramaticalizou a partir das construções coordenadas. Nesta pesquisa, procuramos evidências a favor dessa hipótese no estudo dessas construções em italiano.

O trabalho organiza-se da seguinte forma. Na primeira parte será explicitada a base teórica que fundamentou esta pesquisa, suas principais ideias e seus autores fundamentais. Em seguida, serão apresentadas as propriedades das CVPs e discutiremos o processo de gramaticalização envolvido na emergência dessas construções. A metodologia desta pesquisa será apresentada a seguir. A quarta parte traz a análise dos dados – isto é, a análise das CVPs na língua italiana. Finalmente, serão feitas as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico que fundamenta esta pesquisa, assim como no projeto de Rodrigues (2011a), considera duas correntes linguísticas de grande prestígio: a gramática funcional e a gramática de construções.

2.1. Gramática funcional

Neves (2007, p. 16) postula lições básicas de uma gramática funcional, das quais entende-se aqui como mais importantes as seguintes: i) “As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985)”;

ii) “Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (Dik, 1978, 1980, 1989a, 1997; Givón, 1984; Hengeveld, 1997)”;

iii) “A gramática é susceptível às pressões do uso (Du Bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1979b), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993)”;

iv) “A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (Du Bois, 1985);

v) “O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (Martinet, 1994)”.

Dessa maneira, Neves (2007, p. 17) propõe como temas centrais numa gramática funcionalista: o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma); e o social (em relação ao individual).

Estruturas linguísticas são [...] configurações de funções, e as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem (NEVES, 2007, p. 18).

Assim, a gramática funcional, de acordo com Nichols (1984 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 3), além de estudar a estrutura gramatical, também leva em conta a análise da situação comunicativa: a finalidade do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo.

Na visão funcionalista, as expressões linguísticas são o resultado de uma intenção comunicativa, uma vez que o que é “comunicado” não é somente o conteúdo, a denotação, a referência-e-predicação, ou o lado cognitivo e intelectual da língua, mas também a natureza do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo e a intenção dos participantes (NICHOLS, 1984, p. 101-102 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 3).

O funcionalismo, ainda segundo Nichols (1984 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 3), defende que a situação comunicativa estimula, delimita, ou até mesmo determina a estrutura gramatical e, portanto, forma e função linguísticas se interdependem.

Segundo Neves (2007), apoiada em Gebruers (1987), a linguagem pode ser considerada como dinâmica. Assim, as relações entre estrutura e função são tidas como instáveis, visto que a força dinâmica subjaz ao constante desenvolvimento da linguagem. “Dinamismo, afinal, é componente necessário de qualquer consideração dos componentes linguísticos (sintático-semânticos) vistos no uso real, ou seja, na interação verbal (componente pragmático)” (NEVES, 2007, p. 18).

De acordo com Rodrigues (2011a), a corrente funcionalista se intensificou a partir da década de 1970 nos Estados Unidos, com os estudos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Gívon, que defendiam uma linguística baseada no uso, tendo como tendência principal analisar a linguagem de acordo com o contexto linguístico e com a situação extralinguística. “De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso” (MARTELOTTA & AREAS, 2003 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 3-4).

O interesse por parte dos funcionalistas pelos fenômenos inerentes à mudança linguística fez com que esses pesquisadores voltassem sua atenção para os fenômenos de gramaticalização. A partir daí, observa-se a emergência de uma forte linha de pesquisa. (RODRIGUES, 2010, p. 4).

2.1.1 Gramaticalização

Para Neves (2007), a gramaticalização é um dos principais temas da visão funcionalista da linguagem “porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele” (p. 20).

Gonçalves *et al.* (2007 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 4) atestam que “a constante renovação do sistema linguístico (...) traz à tona a noção de ‘gramática emergente’ (HOPPER, 1987)”, a que subjazem “uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”.

Heine *et al.* (1991 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 22) postulam que a gramaticalização consiste no “crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, i.e., de um

formante derivacional para um formante flexional”. Assim, uma forma em processo de gramaticalização segue um *cline* de mudança (HOPPER & TRAUGOTT, 1993 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 22).

De acordo com Traugott (2009 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 4), gramaticalização é a “mudança através da qual em certos contextos linguísticos os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical”. Ou ainda “gramaticalização também é vista como a mudança através da qual itens ou construções são usados em certos contextos linguísticos com funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, *apud* RODRIGUES, 2011b, p. 2).

A gramaticalização, segundo Heine (2003), é um processo unidirecional que parte da categoria lexical para a gramatical (isto é, funcional). De acordo com Heine (2003, p. 578), “[...] gramaticalização é um processo no qual expressões para significados concretos (= fonte) são usadas em contextos específicos para codificar significados gramaticais (= alvo)”². Para ele, há quatro mecanismos inter-relacionados envolvidos nesse processo: i) dessemantização (ou “*bleaching*”, redução semântica): perda no conteúdo semântico; ii) extensão (ou generalização contextual): uso em novos contextos (relacionado, portanto, com a pragmática); iii) decategorização: perda em propriedades morfosintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda de status de palavra independente (clitização, afixação); e, finalmente, iv) erosão (ou redução fonética), perda de substâncias fonéticas. Observa-se que, nesse processo, podem ocorrer tanto perdas quanto ganhos em propriedades. O segundo mecanismo é um ganho, enquanto os outros são perdas.

Além disso, esses mecanismos resultam num modelo de três estágios, chamado por Heine de “*overlap model*”. Os estágios são os seguintes: i) há uma expressão linguística A que é recrutada para gramaticalização; ii) essa expressão adquire um segundo padrão de uso, B, com um efeito de ambiguidade entre A e B; e iii) finalmente, A é perdido, isto é, passa a existir somente B. A ilustração desse modelo seria a seguinte: $A > A, B > B$ (HEINE, 2003, p. 590).

Como pode ser notado, nesse modelo de Heine, o desenvolvimento de formas gramaticais não leva diretamente da forma-fonte A para a forma-alvo B, mas envolve um estágio intermediário, em que A e B coexistem lado a lado, criando uma situação de

² “[...] grammaticalization is a process whereby expressions for concrete (= source) meanings are used in specific contexts for encoding grammatical (= target) meanings”.

ambiguidade. A passagem de A para B segue um percurso unidirecional. Para Hopper & Traugott (2003), a hipótese da unidirecionalidade é forte: “A suposição básica é a de que existe uma relação entre dois estágios A e B, sendo que A ocorre antes de B, e não o contrário. Isso é a unidirecionalidade” (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 100)³.

Givón (1979 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 29) propôs uma trajetória de gramaticalização, a saber: “discourse > syntax > morphology > morphophonemics > zero”. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), Givón (1971, p. 413) afirmou que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (parafraseando Hodge, 1970) e, posteriormente adicionou a essa frase a afirmação: “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN, 1979, p. 208-209), corroborando a ideia da trajetória.

Um princípio notável presente no processo de gramaticalização, segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 29), baseados na proposta de Heine *et al.* (1991), é o fato de que

[...] conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto, processo que envolve transferência conceptual (metáfora), aproximando domínios cognitivos diferentes, motivação pragmática e reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia).

2.2 Gramática de construções (GC)

Segundo Rodrigues (2011a), as mudanças linguísticas, para os estudos de gramaticalização, ocorrem a partir de unidades maiores que lexema, isto é, em construções.

Traugott (2003, p. 645), por sua vez, propõe uma definição de gramaticalização que incluiu a noção de construção. Alternativamente gramaticalização é definida pela autora como “o processo por meio do qual o material lexical, em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente restritos, é atribuída uma função gramatical, e, se já gramatical, é atribuída uma função mais gramatical ainda, como a de um operador”⁴. (RODRIGUES, 2011a, p. 4).

Os estudos sobre construções estão baseados na chamada “gramática de construções” (GC), que propõe “uma abordagem teórica do conceito de construção” e advoga “a favor do reconhecimento das construções como unidades básicas da língua”, além de oferecerem “uma definição para o termo, qual seja, uma construção constitui-se de uma unidade convencional baseada no emparelhamento entre forma e significado”, em que: algum aspecto da forma ou do significado não seja previsto em partes componenciais da construção ou em construções

3 “The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality”

previamente estabelecidas (GOLDBERG, 1995 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 5). Porém, segundo Rodrigues (2011a), essa perspectiva procura mostrar que nem toda sequência de palavras origina uma construção.

Os estudos sobre construções aproximam-se dos estudos sobre gramaticalização visto que “as reflexões a respeito do desenvolvimento e funcionamento das construções suscitadas nas análises construcionistas são também relevantes para o estudo dos fenômenos de gramaticalização” (RODRIGUES, 2011a, p. 4-5).

Alguns dos principais pressupostos da GC, defendidos por Goldberg (1995 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 5) são os seguintes:

- i. comprometimento com a análise de todas as construções da língua, não apenas com aquelas estruturas mais recorrentes e regulares;
- ii. interesse em desvendar em que condições uma determinada construção pode ser bem sucedida, uma vez que é considerada como parte da competência do falante ou do conhecimento da língua. Esse interesse se baseia na convicção de que fatores semânticos e pragmáticos são cruciais para o entendimento dos limites de uma construção gramatical;
- iii. defesa de uma não divisão estrita entre léxico e sintaxe e semântica e pragmática.

De acordo com Croft (2001 *apud* RODRIGUES, 2011a, p. 5), um conceito muito importante para a GC é o de *idioms* – construções idiomáticas ou idiomatismos: “expressões linguísticas sintática e/ou semanticamente idiossincráticas em vários sentidos; são maiores que palavras; e além do mais não podem simplesmente ser acrescentadas ao léxico de uma língua sem alguns mecanismos especiais”. Mais especificamente, baseado em Fillmore *et al.* (1988), Croft (2001, *apud* RODRIGUES, 2010, p. 5), ressalta a importância dos idiomatismos esquemáticos, que “não são completamente determinados lexicalmente ou SUBSTANTIVOS, pois incluem, ao contrário, categorias sintáticas, permitindo que uma gama de determinadas palavras e frases possam instanciar essas categorias”. Assim como em Rodrigues (2011a), incluem-se como um exemplo desse idiomatismo esquemático as CVPs do italiano, uma vez que diferentes verbos, como *prendere* e *andare*, podem ocupar a posição de V1. As CVPs apresentam, desse modo, uma estrutura esquemático tipo Suj+V1+Conj+V2.

4 The process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts is assigned grammatical function, and, once grammatical, is assigned increasingly grammatical, operator-like function.

3. AS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS (CVPs)

Segundo Rodrigues (2011b, p. 3), as CVPs em PB “caracterizam-se pela sequência de dois (ou mais) verbos flexionados, V1 e V2, conectados ou não pela conjunção *e*”, em que “apenas V2 mantém sua acepção lexical” e “V1, por sua vez, apresenta uma função gramatical”. Nas CVPs, o “V1 é quase sempre um dos verbos *ir, pegar, chegar, virar* e *vir*. O V2, por sua vez, representa uma classe relativamente aberta” (RODRIGUES, 2011a, p. 6). É interessante observar que desse grupo, os verbos *andare* e *prendere* do italiano também podem ocupar a posição de V1 nas CVPs, o que corrobora a hipótese de Rodrigues (2011a) de que essas construções têm comportamento semelhante nas línguas românicas.

3.1. Propriedades das CVPs

Segundo Rodrigues (2011a, p. 6), os sujeitos das CVPs tendem a preceder V1 e “V1 e V2 sempre compartilham o mesmo sujeito. Na maioria dos casos, V1 e V2 compartilham flexões modo-temporais e número-pessoais” e sua ordem sintática é fixa. Note-se que “outros elementos diferentes da conjunção *e* podem ocorrer entre V1 e V2, tais como a partícula *lá*, marcadores (*aí* e *então*) e sujeito posposto de V1.

Outra propriedade ressaltada pela autora é o fato de que “V1 nunca pode receber negação. O advérbio de negação *não* precede V2”. Além disso, “V1 nunca pode ser alvo de interrogação”.

Quanto aos tempos e modos verbais usados, as CVPs do PB caracterizam-se pelo maior uso do pretérito perfeito e do presente do indicativo. Além disso,

verbos que ocupam a posição V1 sofrem alterações em suas propriedades sintáticas e semânticas compatíveis com gramaticalização: V1 deixa de funcionar como verbo pleno, perdendo, além de seu sentido lexical (dessemantização), sua propriedade de subcategorizar complemento e de receber negação (de categorização) (RODRIGUES, 2011b, p. 5).

Uma característica importante das CVPs é o fato de ocorrerem preferencialmente em contexto de narrativas. Rodrigues (2011b, p. 5) também resalta que as CVPs podem ser descritas como uma construção de Foco, uma vez que, “como resultado de um processo de gramaticalização, adquirem uma função de focalização”, de acordo com a perspectiva da estrutura informacional. Rodrigues (2011a, p. 7) assume que

o foco é concebido como uma categoria pragmática relacional, licenciada pelo contexto, que é atribuída a porções linguísticas maiores ou menores, com o objetivo de (a) sinalizar a novidade da informação, e/ou (b) instaurar relação de contraste

entre entidades presentes ou pressupostas na situação comunicativa (LAMBRECHT, 1996; DIK, 1989).

Assim, para Rodrigues (2011a), a função focal das CVPs pode ser relacionada com a função das construções coordenadas, uma vez que, baseando-se em Hopper (2002), quando se trata de coordenação, o segundo conjunto está, de certa maneira, em foco. Longhin-Thomazi & Rodrigues (2011) também se apoiaram em Bally (1965) – que propõe que, na coordenação (C1 e C2), C1 constitui um ato de enunciação completo e é o propósito de C2 – para discutir a relação entre as CVPs e a coordenação. Assim, as autoras assumem uma relação de herança entre orações coordenadas e as CVPs, uma vez que, nestas, V1 (que corresponderia ao primeiro conjunto) também representa o propósito de V2 (C2), sendo que este também pode ser interpretado como informação remática, mais importante. Todavia, V1 (C1) não se sustenta como um ato de enunciação completa, o que impede que as CVPs possam ser classificadas como um caso de coordenação.

3.2 A gramaticalização das CVPs

Apesar de construções do tipo das CVPs já terem sido chamadas de “pseudo-coordenação” ou “falsa-coordenação”, Rodrigues (2011a) argumenta que ambas as estruturas possuem um estatuto construcional independente, por suas propriedades serem suficientemente delimitadas. Seguem-se as propriedades que distinguem as CVPs de orações coordenadas postuladas por Rodrigues (2011a, p. 9):

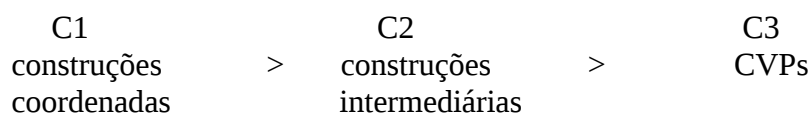
1. Em orações coordenadas, diferente de CVPs, é possível que V1 e V2 tenham sujeitos diferentes⁵.
2. Oração coordenadas com sujeitos correferenciais têm uma tendência em marcar o sujeito apenas em V1, sendo que o sujeito em V2 é anafórico (anáfora zero). Contudo, se os sujeitos aparecem explícitos em todas as orações não há nenhuma mudança semântica substancial. Já em CVP, a ocorrência de sujeito em V2 é muito marcada e foi apenas verificado em muitos poucos casos no *corpus*.
3. Verbos de orações coordenadas em Português não precisam compartilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça. Em CVPs, os verbos sempre compartilham flexão.
4. Em orações coordenadas, os verbos podem ser negados separadamente ou não. Já em CVPs, o marcador de negação, o advérbio não, sempre precede V2.

Rodrigues (2008), a partir de dados sincrônicos, ressaltou a hipótese de que as CVPs se originaram das construções coordenadas, sustentada por ocorrências representativas de casos ambíguos de CVPs, uma vez que representam uma estrutura intermediária entre as

⁵ V1 e V2 estão sendo usados aqui também para se referir aos verbos presentes nas orações coordenadas apenas por motivos de economia de termos.

CVPs e a coordenação de orações. Porém, de acordo com Rodrigues (2011a, p. 9), esse não é um movimento abrupto: “as alterações das propriedades sintáticas e semânticas envolvidas nessa mudança ocorreram gradualmente, criando espaço para a emergência de construções ambíguas”. Além disso, outra razão para o desenvolvimento das CVPs a partir das construções coordenadas é a premissa de que partem de unidades maiores que lexemas, ou seja, de construções.

Assim, Rodrigues (2011a) propôs um *cline* (ou *continuum*) para dar conta da trajetória dessa mudança. Trata-se de um *cline* sincrônico, em que um arranjo de formas é usado numa linha imaginária. Este *cline* contrasta com um *cline* diacrônico, que consistiria numa trajetória natural, onde formas linguísticas se desenvolvem.



Assim, vê-se que há um desenvolvimento unidirecional para as CVPs partindo da coordenação: verbos como *ir* e *pegar*, na construção 1, são verbos lexicais plenos em construções coordenadas prototípicas. Na construção 2, esses verbos ainda preservam seus complementos, mas tanto os primeiros quanto os últimos possuem um valor referencial opaco, atribuindo um caráter ambíguo a essas construções. Na construção 3, os verbos sofrem mudanças sintáticas e semânticas significativas.

O verbo *ir* deixa de ser um verbo de movimento deitadamente orientado (movimento na direção oposta ao centro dêitico), perdendo essa noção semântica de movimento. Além da mudança semântica, *ir* também sofre uma alteração sintática, uma vez que, como verbo pleno, é considerado verbo transitivo circunstancial (ROCHA LIMA, 2001 *apud* RODRIGUES, 2011a), que requer um complemento adverbial de lugar (KURY, 1993 *apud* RODRIGUES, 2011a); já nas CVPs, ele perde a transitividade, deixando de requerer complemento. “Como verbo pleno, *pegar* é classificado como transitivo direto e seu significado básico é ‘agarrar’, ‘tomar posse’. Nas CVPs, no entanto, *pegar*, além da noção semântica, também perde transitividade, deixando de subcategorizar objeto direto” (RODRIGUES, 2011a, p. 10).

Goldberg (1995 *apud* RODRIGUES, 2011b, p. 15), sobre as relações de herança, postula que as construções seguem alguns princípios psicológicos de organização linguística. “Uma construção A motiva a construção B se B é herança de A. As construções podem ser iguais ou diferentes na relação de herança”.

O emprego de V1 nas CVPs, de um ponto de vista semântico referencial, parece não agregar nenhum valor específico ao enunciado. Se V1 fosse retirado, não haveria mudança semântica, de acordo com Rodrigues (2011b, p. 15).

O Princípio da Não-sinonímia proposto por Goldberg (1995 *apud* RODRIGUES, 2011b, p. 16), que permite a análise de relações entre construções, prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas, logo devem ser semântica ou pragmaticamente distintas”. Ora, uma CVP e uma oração simples são sintaticamente distintas, semanticamente sinônimas e pragmaticamente diferentes. “Acreditamos que o desdobramento do enunciado em duas proposições acentua o contraste entre pressuposição/tema vs. asserção/foco que define a estrutura informacional do enunciado” (RODRIGUES, 2011b, p. 17). A diferença entre as construções está relacionada com o modo como o falante organiza as informações. Se V1 não acrescenta nenhum valor semântico ao tema, Rodrigues (2011b, p. 17) propõe que, “ao se juntar ao sujeito contribui para marcar a oposição tema/remata, tendo, portanto, apenas um valor pragmático que pode ser avaliado no nível da estrutura informacional. O V1 aponta a porção focal e favorece a leitura de foco de V2”.

Assim, Rodrigues (2011b) acredita que o desenvolvimento das CVPs e sua ampla distribuição devam-se ao processo de gramaticalização a partir da coordenação, visto que orações coordenadas fornecem um contexto de focalização que se amplia e se intensifica nas CVPs.

Segundo Goldberg (1995), construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades das construções particulares. Dentre os quatro tipos de ligação de herança propostos, a autora descreve que numa ligação de extensão metafórica (I_M), duas construções são relacionadas metaforicamente via correspondência entre domínios semânticos, de forma que a semântica da construção dominante é “mapeada” na semântica da construção dominada via metáfora. (RODRIGUES, 2011b, p. 17)

Para Rodrigues (2011a), as motivações para que as CVPs possam ser analisadas como uma estratégia de focalização provêm de sua estrutura, podendo ser explicadas pela ligação de extensão metafórica. Em orações coordenadas, a primeira veicula uma informação usada para focalizar a informação da segunda oração. Assim, a primeira oração seria o tema e a segunda traz uma informação remática (nova). Já nas CVPs, V1 não veicula nenhuma informação, já que não comporta conteúdo semântico. “No entanto, ao lado da conjunção *e* contribui para a criação de uma expectativa em torno da informação que será introduzida por V2. Ou seja, V1 focaliza o conteúdo proposicional veiculado em V2” (RODRIGUES, 2011b, p. 18).

4. EVIDÊNCIAS TRANSLINGÜÍSTICAS

Segundo Rodrigues (2006), outros estudos sobre construções como as CVPs foram feitos em línguas como o inglês (Pullum 1990; Stefanowisch 1999, 2000 e Hopper 2002), o espanhol (Arnaiz e Camacho 1999), o sueco (Hilpert 2008) e em outras línguas (Stefanowisch 1999, 2000). No entanto, o único trabalho que considera o italiano, além de inúmeras outras línguas europeias, é o de Coseriu (1977).

Stefanowitsch (1999), ao estudar construções chamadas por ele de “*go-and-verb construction*” na língua inglesa, relata que o segundo verbo seria o verbo principal, já que carrega o significado, enquanto que a função de *go* seria parecida com a de um auxiliar. Além disso, o linguista afirma que a construção envolve dois verbos que são coordenados pela conjunção *e*, destacando que evidências sintáticas indicam que os dois verbos não são simplesmente coordenados, eles formam uma unidade sintática única. Stefanowitsch também explicita que os usos da “*go-and-verb construction*” são translingüísticos e expressam: movimento real no espaço; aborrecimento, decepção, desaprovação; avaliação de uma ação como estúpida ou lamentável; surpresa, mudança repentina no fluxo esperado de uma narrativa; proceder sem hesitação ou consideração a outros, sem prestar atenção a obstáculos; ou, finalmente, ação contínua, aspecto progressivo/habitual.

Em outro trabalho, Stefanowitsch (2000) destaca que uma evidência do construto de único evento dessas construções é que qualquer modificador (*modifier*) precedendo V1, como advérbios de negação, por exemplo, serão necessariamente interpretados como modificando a construção inteira. O autor também identifica uma noção de tomada de decisão à construção, concluindo que

The increasing number of purely abstract uses as we move down the table is clearly suggestive of an increasing degree of grammaticization. It is interesting to point out that the acquisition of specific grammatical meanings (which may then gradually replace the original meanings) occurs within a pattern that is already functioning as a construction. Thus, the gradual bleaching of the original meaning and the development of more abstract functions occurs for a complex construction rather than for individual morphemes (STEFANOWITSCH, 2000, p. 13).

De acordo com Eugenio Coseriu, no único trabalho de que temos notícia que trata do assunto na língua italiana, a saber, “*Tomo y me voy: un problema de sintaxis comparada europea*”, publicado em espanhol em 1977, construções como as CVPs⁶ podem ser

⁶ É importante ressaltar que Coseriu não tratava as construções estudadas por ele com esse nome – usava o termo “construções paratáticas” apenas e reconhecia as mesmas propriedades do que aqui chamamos de CVPs.

encontradas na maioria das línguas europeias. O linguista romeno aponta um amplo panorama do estudo dessas construções em muitas dessas línguas.

Para a língua italiana, Coseriu (1977) aponta variados estudos principalmente nos dialetos italianos e poucos trabalhos da língua italiana padrão. Além disso, não oferece nenhuma proposta de sistematização dessas construções, apenas aponta pesquisas já feitas, dando exemplos.

Coseriu ressalta o trabalho de Rohlfs (1954 *apud* COSERIU, 1977), que documenta a construção. Sua documentação abarca exemplos com *pigliare*, uso muito corrente nos dialetos meridionais (“*piglio e me ne vo*”). Aos exemplos italianos, Rohlfs agrega também um exemplo sardo com o verbo *pigare* – “pegar”, “tomar” – (“*píganta e di dónanta uma bacchetta*”). Além disso, assinala que em vêneto o verbo *ciapà* – “pegar”, “tomar” – é empregado da mesma maneira “pleonástica” (“*l’a ciapà sù e l’è nà via*”) e que em lombardo-alpino *togliere* tem a mesma função. Em outro trabalho, Rohlfs (1947 *apud* COSERIU, 1977) cita outros exemplos italianos e, por outro lado, assinala o paralelismo com o grego moderno e o romeno, advertindo que o verbo *pigliare* reforça um outro verbo para expressar intensidade ou vivacidade. A esta documentação, adiciona-se que, em italiano coloquial, *prendere* é quase em toda parte corrente nesse emprego (“*prendo e me ne vado*”), sendo que em Roma, na fala popular, é comum o uso do verbo *pigliare* (“*piglia e sse ne va*”).

Já Ascoli (1896 *apud* COSERIU, 1977) documentava construções paratáticas com verbos de movimento, adicionando também exemplos análogos do latim. Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977), por sua vez, mostra numerosos exemplos paratáticos com verbos de movimento (*andare, venire, tornare*), em sua maioria, do siciliano e de outros dialetos meridionais, lamentavelmente sem separar as perífrases verbais das construções nas quais esses verbos mantêm seu valor léxico, mas assinalando que a construção paratática expressa uma unidade de ação quase simultânea, destacando seu caráter impulsivo (COSERIU, 1977, p. 103-104).

Visto que Rohlfs (1947 *apud* COSERIU, 1977) documentou o uso paratático do verbo *prendere* na língua italiana padrão e Ascoli (1896 *apud* COSERIU, 1977) e Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977) ressaltaram o uso paratático de verbos de movimento, nesta pesquisa, serão analisados os verbos *prendere* e *andare*, sendo este último o verbo de movimento com mais frequência de uso e mais comum.

A função que Rohlfs (1947 *apud* COSERIU, 1977) atribui ao verbo *pigliare* (*pigliare* reforça um outro verbo para expressar intensidade ou vivacidade) se assemelha com a

hipótese defendida aqui de que as CVPs são construções de foco. Porém, Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977) destaca um caráter impulsivo das construções paratáticas com verbos de movimento – o que não está de acordo com nossa hipótese.

Cumpramos ressaltar que as noções de intensidade, vivacidade e ênfase são empregadas pelos autores sem que se apresente qualquer refinamento teórico. Segundo Ilari (1992 *apud* LONGHIN-THOMAZI & RODRIGUES, 2011), o termo *ênfase* inclui-se num vocabulário pré-teórico que é utilizado espontaneamente quando se abordam intuitivamente os fenômenos de articulação em tema e rema e, portanto, podem ser interpretados como termo que, de certa forma, se relacionam à função de foco.

5. METODOLOGIA

Inicialmente, esta pesquisa teve como base o *corpus* “Banca Dati dell’Italiano Parlato” (BADIP), disponível gratuitamente em: <http://badip.uni-graz.at/>. O banco de dados BADIP é um *website* de livre acesso da *Karl-Franzens-Universität Graz* (Austria) que publica *corpora* para a análise e o estudo do italiano falado. O BADIP contém uma versão *online* do “Lessico di frequenza dell’italiano parlato” (LIP *corpus*), que não apresenta arquivos de áudio das transcrições.

O LIP *corpus* é uma das coleções de textos mais importantes do italiano falado. Foi coletado entre 1990 e 1992 por um grupo de linguistas sob a direção de Tullio de Mauro e foi usado para compilar o primeiro dicionário de frequência do italiano falado. Seus 469 textos, com um total aproximado de 490.000 palavras, foram gravados em quatro cidades – Milão, Florença, Roma e Nápoles – e deriva de cinco macro-tipos e numerosos subtipos de discurso:

- Tipo A: troca bidirecional, face a face, com livre ‘tomada de palavra’:
 - conversas em casa;
 - conversas no trabalho;
 - conversas na escola ou na universidade;
 - conversas durante recreação ou em meios de transporte.
- Tipo B: troca bidirecional, não face a face, com livre ‘tomada de palavra’:
 - conversas normais ao telefone;
 - conversas ao telefone transmitidas no rádio;
 - mensagens gravadas por máquinas de resposta do telefone.
- Tipo C: troca bidirecional, face a face, com ‘tomada de palavra’ regulada:
 - assembleias legislativas;
 - discussões culturais;
 - assembleias na escola;
 - assembleias de sindicatos;
 - encontros de trabalhadores;
 - provas orais no Ensino Fundamental;
 - provas orais no Ensino Médio;
 - provas orais no Ensino Superior;
 - interrogações na sala de tribunal;
 - entrevistas no rádio ou na televisão.

- Tipo D: troca unidirecional, com o destinatário presente:
 - aulas no Ensino Fundamental;
 - aulas no Ensino Médio;
 - palestras na universidade;
 - discursos em convenções de partido ou encontros de sindicatos;
 - apresentações em encontros científicos;
 - discursos em campanhas eleitorais;
 - sermões;
 - apresentações em encontros não-especialistas;
 - súplicas na corte.
- Tipo E: troca unidirecional à distância:
 - programas de televisão e de rádio.

Uma vez que neste corpus não foram encontradas muitas ocorrências de CVPs, houve a necessidade de consultar um outro banco de dados, a saber, o *corpus* de língua italiana escrita “CORIS” (disponível em: <http://corpora.dslo.unibo.it/>), projetado a partir de estudos realizados na Universidade de Bologna, gratuitamente disponível *online* para pesquisas. Esse *corpus* é resultado do projeto de R. Rossini Favretti iniciado em 1998 com o objetivo de criar um *corpus* de referência geral representativo e considerável do italiano escrito que deveria ser fácil de acessar e de utilizar. Este *corpus* trabalha com dados sincrônicos da língua italiana escrita comumente usada, cujos textos pertencem, grosso modo, às décadas de 1980 e 1990.

O CORIS contém 120 milhões de palavras e consiste na coleção de textos comuns autênticos em formato eletrônico escolhidos em virtude de sua representatividade no italiano moderno. É destinado a um amplo tipo de usuários potenciais – de estudiosos da língua italiana a estudantes estrangeiros engajados em análise linguística baseados em dados autênticos e, numa perspectiva mais ampla, a todos os interessados em análise intra- e/ou interlinguística.

O CORIS trabalha com *subcorpora*, divididos em seções e estas, por sua vez, são divididas em subseções. Tais parâmetros levam à configuração da seguinte estrutura:

Subcorpus	Seções	Subseções
IMPRESSOS (STAMPA)	Jornais, periódicos, apêndices	nacional/local; especialista/não- especialista; conotação/não- conotação
NARRATIVAS (NARRAT)	Romances, contos	Italiano/estrangeiro; para adultos/infantil; crime/aventura/ficção

		científica/literatura feminina
PROSA ACADÊMICA	Ciências humanas, ciências naturais, física, ciências experimentais	Livros, revisões científicas, história popular, filosofia, arte, crítica literária, direito, economia, biologia, etc
PROSA LEGAL E ADMINISTRATIVA	Legal, burocrático, administrativo	Livros, revisões
MISCELÂNEA (MISC)	Livros sobre religião, viagem, culinária, hobbies, etc.	Livros, revisões
EFÊMEROS	Cartas, folhetos, instruções	Privado/público; forma impressa/forma eletrônica

Portanto, o *corpus* do italiano escrito CORIS pode ser definido, em linhas gerais, como: uma coleção de textos escritos autênticos, comuns, em formato eletrônico, escolhidos como representativos do italiano atual.

A partir dos dados desses *corpora*, foi empreendida uma pesquisa qualitativa, que poderá ser, num outro momento, complementada com uma análise quantitativa. Assim, este trabalho permite desdobramentos, como uma pesquisa de mestrado.

As ocorrências que serão analisadas a seguir foram retiradas apenas do *corpus* de língua italiana escrita CORIS, visto que, como já dito anteriormente, os resultados da busca no *corpus* de língua oral BADIP não se fizeram relevantes para este trabalho.

Foram coletadas 40 ocorrências de CVPs na língua italiana, além de alguns casos de ambiguidade semântica, que serão retomados em outro momento, uma vez que necessitam de uma análise diferenciada. Damos mais importância às ocorrências que realmente são representativas de CVPs. Dentre o total das 40 ocorrências, 20 trazem como V1 o verbo italiano *prendere* e o restante, o verbo *andare*.

Dentre as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das CVPs que serão analisadas a seguir constam: (a) partilhamento de sujeito por V1 e V2 e sua posição; (b) ocorrência das mesmas flexões verbais número-pessoais e modo-temporais por V1 e V2; (c) possibilidade de dois tipos de CVPs, a saber, com a conjunção *e* entre as proposições ou sem ela; (d) possibilidade de existência de outros elementos entre V1 e V2 diferentes da conjunção *e*, como a partícula *lá*, marcadores (*aí* e *então*) e sujeito posposto de V1; (e) possibilidade de o V1 receber negação; (f) ocorrência de alterações semânticas e perda de propriedades sintáticas no V1; (g) ocorrência de ordem sintática fixa entre V1 e V2; (h) relato dos tempos e modos verbais mais comuns das CVPs; e, por fim, (i) função pragmática e noções semânticas das CVPs.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa, os verbos do italiano padrão estudados em posição de V1 foram *prendere* e *andare*.⁷ Essa escolha foi baseada no fato de esses verbos aparecerem na pesquisa de Coseriu (1977) sobre construções do tipo das CVPs e também por terem se mostrado mais frequentes no *corpus*. As ocorrências (1) e (2) são representativas dos casos de CVPs com os verbos *prendere* e *andare*, respectivamente. Na ocorrência (1), o falante está irritado com o que seu interlocutor está dizendo, por isso profere a sentença exemplificada a seguir. Em (2), o sujeito diz que, no geral, jogadores de futebol se contentam em ser convocados, não importando se depois eles nunca vão ver o campo, mas ele mesmo só se interessa pela convocação se for jogar, como se observa no trecho em questão.

- (1) Si continui su questa linea di risposta
Se continuar-Pres.Subj.2sg. em essa linha de resposta

prendo e me ne vado.
pegar-Pres.Ind.1sg. e refl. part. ir-Pres.Ind.1sg.
Se você continuar nessa linha de resposta, eu pego e vou-me embora.
(SubCorpus: MON2008_10/ Section: MON2008_10)

- (2) Io, o **vado** e gioco, oppure non
Eu, ou Ir-Pres.Ind.1sg. e Jogar-Pres.Ind.1sg. ou não

m' interessa.
refl. Interessar-Pres.Ind.1sg.
Eu, ou vou e jogo, ou não me interessa.
(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

A maior parte das propriedades observadas por Rodrigues (2006) no que diz respeito às CVPs em PB, já citadas anteriormente, podem ser mantidas para a ocorrência dessas construções em italiano.

Em primeiro lugar, nas CVPs da língua italiana, V1 e V2 também partilham o mesmo sujeito, que é marcado (quando não está oculto) antes de V1. Em (3), o sujeito falava que belos gestos merecem cumprimentos, e em seguida diz o que consta no exemplo. Esta ocorrência evidencia que o sujeito *un giovane forte e sano come Yoske* é compartilhado pelo V1 *andare* e pelo V2 *salvare*:

- (3) Se **un giovane forte e sano come Yoske** va
Se um jovem forte e são como Yoske Ir-Pres.Ind.3sg.

e salva um ferito, strisciando tra gli spari,
e Salvar-Pres.Ind.3sg. um ferido, Rastejar-Ger. entre os disparos,

benissimo, tanti complimenti.

⁷ Num outro momento, seria interessante pesquisar outros verbos em posição de V1.

muito bem, muitos cumprimentos.

Se um jovem forte e são como Yoske vai e salva um ferido, rastejando entre os disparos, muito bem, muitos cumprimentos.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATTrRomanzi)

A ocorrência (4) diz respeito ao assunto da música, sobre cantores. A expressão *la televisione* é o sujeito partilhado por V1 *prendere* e V2 *mandare*:

(4) Ogni tanto **la televisione** prende e manda
Ocasionalmente a televisão Pegar-Pres.Ind.3sg. e Mandar-Pres.Ind.3sg.

in scena i migliori o i più amati dal pubblico.

em cena os melhores ou os mais amados do público.

Ocasionalmente, a televisão pega e manda em cena os melhores ou os mais amados do público.

(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

V1 e V2 também possuem em comum as flexões verbais número-pessoais e modo-temporais nas CVPs italianas, assim como em PB. Na ocorrência (5), há a explicação sobre a entrada do budismo na sociedade chinesa; a adoração ao budismo pelos leigos põe atenção em acumular méritos (karma), recitando as três maravilhas (mostradas na ocorrência). Nesse caso, note-se que o V1 *prendere* e o V2 *refugiare* possuem a mesma flexão modo-temporal (presente do indicativo, marcada pelo morfema Ø) e a mesma flexão número-pessoal (1ª pessoa do singular, marcada pelo morfema -o):

(5) Io prendo e rifugio nel Buddha,
Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Buda

Io prendo e rifugio nel Dharma,
Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Dharma

Io prendo e rifugio nel Sangha.
Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Sangha

Eu pego e refugio no Buda, eu pego e refugio no Dharma, eu pego e refugio no Sangha.

(Subcorpus: MON2001_04/Section: MON2001_04)

Já em (6), ao que parece ser um trecho da Bíblia, Jesus enviou os apóstolos que havia escolhido e os deu o mandato de anunciar o Evangelho. Aqui, o V1 *andare* e o V2 *ammaestrare* também compartilham as mesmas flexões modo-temporal e número-pessoal (imperativo/2ª pessoa do singular, marcadas pelo morfema -ate):

(6) Andate e ammaestate tutte le nazioni, battezzando-le
Ir-Imp.2pl. e Ensinar-Imp.2pl. todas as nações, Batizar-Ger.-ACC

nel nome del Padre e del Figlio e dello Spirito Santo.

em o nome de o Pai e de o Filho e de o Espírito Santo.

Ide e ensinais todas as nações, batizando-as no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

(Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

Outra propriedade importante ressaltada por Rodrigues (2006) é quanto ao uso da conjunção *e*. Em PB, como dito anteriormente, as CVPs podem ser do tipo 1, em que V1 e V2

interligam-se com essa conjunção; ou podem ser do tipo 2, em que V1 e V2 apenas se justapõem. Nos dados analisados nesta pesquisa só foram encontrados casos do tipo 1 para o italiano. Na ocorrência (7), um sujeito diz a outro para este não esperar um financiamento do governo, que pode chegar tarde demais, incentivando-o a tomar uma atitude. Nesse caso, o V1 *prendere* e o V2 *fare* estão interligados pela conjunção *e*:

- (7) Se l' idea è buona,
Se a ideia Ser-Pres.Ind.3sg. boa

prendi e fal -lo.
Pegar-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg.-ACC
Se a idéia é boa, pegue e faça isso.
(Subcorpus: MISC/Section: MISCRiviste)

Em (8), que parece ser um trecho da Bíblia, Jesus e seus seguidores caminhavam e um deles pediu para primeiro enterrar seu pai. Aqui, a conjunção *e* interliga o V1 *andare* e o V2 *annunziare*:

- (8) Gesù replicò: “Lascia che i morti seppeliscano
Jesus Responder-Perf.Ind.3sg.: “Deixar-Imp.2sg. que os mortos enterrar-Pres.Ind.3pl.

i loro morti; tu và e annunzia il regno di Dio”.
os seus mortos; tu Ir-Imp.2sg. e Anunciar-Imp.2sg. o reino de Deus.
Jesus respondeu: “Deixe que os mortos enterram os seus mortos; tu vai e anuncia o reino de Deus”.
(Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

Hopper (2000), ao estudar construções chamadas por ele de *hendiasys* na língua inglesa (como, por exemplo, *come up and say*), já relatou a importância da conjunção *e* dada por Schifffrin (1987 *apud* Hopper 2000). A linguista argumentou, em uma análise discursiva da coordenação, que *e* funciona tipicamente com um organizador do discurso. Sua presença sinaliza a identificação do falante com uma unidade posterior, que é coordenada a uma unidade prévia. Mais ainda, *e* identifica uma unidade de fala relevante no segmento seguinte – o que remete à nossa hipótese de que as CVPs são construções de foco, originadas de orações coordenadas.

Rodrigues (2006) também relatou, para o PB, a possibilidade de existência de outros elementos entre V1 e V2 diferentes da conjunção *e*, como a partícula *lá*, marcadores (*aí* e *então*) e sujeito posposto de V1. Nesta pesquisa não foram encontradas ocorrências desse tipo nas CVPs da língua italiana. Entre V1 e V2, nas ocorrências estudadas, além da conjunção *e*, podem aparecer pronomes reflexivos e a partícula *ne*. Em (9), o sujeito se lamenta por não ter conseguido salvar um inseto, e de repente, calmamente suspenso em sua piedade, parou e pensou no que mostra a ocorrência. Pode-se notar que os elementos que entremeiam V1 *prendere* e V2 *andare*, além da conjunção *e*, são o pronome reflexivo *me* e a partícula *ne*. Tais

clíticos foram empregados, uma vez que fazem parte de uma expressão italiana muito comum, a saber: *andarsene*, em que um pronome reflexivo e a partícula *ne* juntam-se ao verbo *andare* e, assim, este verbo passar a ter o sentido de “ir-se embora”.

- (9) mi fermai, pensai, pensai
 refl. Parar-Perf.Ind.1sg. Pensar-Perf.Ind.1sg. Pensar-Perf.Ind.1sg.
- con indifferenza: “Bene, torniamo -ce -ne a casa”
 com indifferenza: “Bom, Tornar-Imp.1pl.-refl.-part. para casa”
- presi e **me** **ne** andai.
 Pegar-Perf.Ind.1sg. e refl. part. Ir-Perf.Ind.1sg.
 Parei, pensei, pensei com indifferenza: “Bom, tornemos para casa”, peguei e fui-me embora.
 (Subcorpus: NARRAT/ Section: NARRATVaria)

Na ocorrência (10), temos uma parábola da Bíblia, em que o filho pede a herança ao pai, parte para outro país, gasta toda a herança, passa necessidade e tem que, então, trabalhar. Nesse caso, tem-se o pronome reflexivo *si* após a conjunção *e*, entre o V1 *andare* e o V2 *mettere*.

- (10) Allora andò e **si** mise a servizio di
 Então Ir-Perf.Ind.3sg. e refl. Por-Perf.Ind.3sg. a serviço de
- uno degli abitanti di quella regione.
 um de os habitantes daquela região.
 Então, foi e se pôs a serviço de um dos habitantes daquela região.
 (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

No PB, também foi notado por Rodrigues (2006) que V1 nunca pode receber negação. O advérbio de negação *non* sempre precede V2, tendo escopo em toda a construção. Para o italiano, foi encontrada, nesta pesquisa, apenas uma ocorrência que exemplifica que o advérbio de negação *non* precede V2, mas com escopo na construção como um todo. Na ocorrência (11), temos um contexto político, em que o presidente Scalfaro responde a uma acusação de um deputado. Aqui, o advérbio de negação *non* precede o V2 *mollare*, mas seu escopo recai sobre toda a construção *andare e non mollare mai*:

- (11) Il mio compito è come il vostro: andare e
 O meu dever Ser-Pres.Ind.3sg. como o vosso: Ir-Inf. e
- non** mollare mai.
 não Desistir-Inf. nunca.
 O meu dever é como o vosso: ir e não desistir nunca.
 (Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

Nas CVPs do italiano também ocorrem alterações semânticas e perda de propriedades sintáticas no V1. O verbo *prendere* perde a transitividade, deixando de subcategorizar complemento (objeto direto), e seu sentido de “agarrar”, “tomar posse” também se esvai; enquanto que o verbo *andare* também perde a transitividade (visto que ele é um verbo

transitivo circunstancial, que pede complemento adverbial de lugar, como visto anteriormente) e a noção semântica de movimento. Em (12), um personagem diz ao outro que este é louco, é um botânico e não tem a mínima ideia do que é a política, e então profere a sentença mostrada no exemplo. Aqui, o verbo *prendere* deixa de ser transitivo direto, portanto, não subcategoriza objeto direto; e deixa de significar a ação de tomar posse de algo. Se seu objeto fosse *un paese intero*, como no caso de uma oração coordenada, este teria que estar marcado logo após o verbo e ser retomado no verbo seguinte pronominalmente; além de que “pegar um país inteiro” só pode ser entendido metaforicamente. É interessante notar que “pegar” e “deixar”, como verbos plenos, representam ações opostas, são antônimos. O fato de poderem ocorrer em CVPs é mais uma forte evidência de que “pegar” já não tem aqui seu significado referencial mais básico.

(12) Cosa credi, che uno riesca
O que Achar-Pres.Ind.2sg. que alguém Conseguir-Pres.Ind.3sg.

da solo a prendere e lasciare un paese intero, così?
sozinho prep. Pegar-Inf. e Deixar-Inf. um país inteiro assim?
O que você acha, que alguém consegue sozinho pegar e deixar um país inteiro, assim?
(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Na ocorrência (13), o sujeito diz que está melhor ao ter envelhecido, que aos 30 anos decidiu se tornar adulto, no sentido de que confia mais na experiência do que na pressa. Nesse caso, o verbo *andare* (*vai*) não vem seguido de seu complemento adverbial de lugar, ou seja, perde a transitividade nesse sentido; assim, não se pode aplicar aqui a noção semântica de movimento a esse verbo.

(13) Quando sei, giovane non stai lì
Quando Ser-Pres.Ind.2sg. jovem não Estar-Pres.Ind.2sg. ali

a riflettere, vai e basta.
para Refletir-Inf., Ir-Pres.Ind.2sg. e Bastar-Pres.Ind.2sg.
Quando você é jovem não está ali para refletir, você vai e basta.
(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

Outra propriedade das CVPs do PB assinalada por Rodrigues (2006) é o fato de que V1 e V2 possuem uma ordem sintática fixa. Tal propriedade deve ser mantida para as CVPs do italiano, como se pode observar nas ocorrências (14) e (15). Como se pode notar em ambas as construções abaixo, que têm como V1, respectivamente, *prendere* e *andare*, a ordem sintática de V1 e V2 é fixa. Em (14), o contexto é o de que os francos ergueram numerosas fortalezas, para impedir a aliança entre Damasco e Tiro.

(14) [I franchi] Si insediano nella Terra de Moab e in Idumea dove,
[Os francos] refl. Apossar-Pres.Ind.3pl. de a Terra de Moab e de Idumeia, onde,
nel 1115, **prendono** **e** **fortificano** il castello de Shobak.

em 1115, Pegar-Pres.Ind.3pl. e Fortificar-Pres.Ind.3pl. o castelo de Shobak.
 [Os francos] apossam-se da Terra de Moab e de Idumeia, onde, em 1115, pegam e fortificam o castelo de Shobak.
 (Subcorpus: MISC/ Section: MISCDocumenti)

Na ocorrência (15), que deve ser uma passagem da Bíblia, Jesus curou os cegos, além de fazer muitos outros milagres e pede a seus seguidores o que consta no trecho.

(15) “**Andate** e **riferite** a Giovanni ciò che avete
 “Ir-Imp.2pl. e Relatar-Imp.2pl. a João aquilo que Ter-Pres.Ind.2pl.AUX

visto e udito.
 Ver-Part. e Ouvir-Part.
 Ide e relatai a João aquilo que viram e ouviram.
 (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

Rodrigues (2006) relatou que os tempos e modos verbais mais comuns das CVPs em PB é o pretérito perfeito, em primeiro lugar, seguido do presente do indicativo, como referido anteriormente. Já em italiano, esta propriedade se altera. O modo imperativo foi o mais encontrado nesta pesquisa, principalmente no que diz respeito às CVPs de V1 *andare*, como pode-se notar na ocorrência (16), em que, num contexto de guerra, um personagem diz ao outro que as armas não são imaculadas, como disseram o ingleses, foram feitas para semear ruína e destruição:

(16) Herzl, **vai** e **fai** il tuo dovere.
 Herzl, Ir-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg. o seu dever.
 Herzl, vá e faça o seu dever.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

O segundo tempo verbal mais frequente encontrado neste trabalho foi o presente do indicativo, também mais usado quando o V1 é *andare*, como consta no exemplo (17). Este é um trecho bíblico da segunda leitura de Filipenses 1, 4-6, em que se diz que quem semeia com lágrimas, colherá com júbilo.

(17) Nell’ andare, se ne **va** e **piange**,
 Em o Ir-Inf. refl. part. Ir-Pres.Ind.3sg. e Chorar-Pres.Ind.3sg.

portando la semente da gettare [...].
 Levar-Ger. a semente para Semear-Inf. [...].
 Na caminhada (lit. no ir), vai-se e chora, levando a semente para semear.
 (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

A ocorrência do pretérito perfeito do indicativo (*passato remoto*) é a terceira mais frequente nesta pesquisa. A ocorrência (18) é representativa desse tempo verbal. Nela, um homem fala à sua mulher que eles deveriam doar ouro à pátria, então:

(18) **Andarono** e **donarono**
 Ir-Perf.Ind.3pl. e Doar-Per.Ind.3pl.
 Foram e doaram.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

O infinitivo é a próxima forma verbal mais comum nas CVPs italianas encontradas neste trabalho de pesquisa, como se vê na ocorrência (19), em que um personagem chamado Ron correu para casa, ainda com os pés fora do chão, depois de uma reunião incrível com o poder e suas armadilhas; Doreen (provavelmente sua esposa) queria detalhes, então ocorre o que está expresso em (19).

- (19) Cenarono con spaghetti riscaldati, mentre
 Jantar-Perf.Ind.3pl. com espaguete requentado, enquanto
- i bambini finivano i compiti e si
 os filhos Terminar-Imperf.Ind.3pl. as tarefas e refl.
- preparavano per andare e dormire.
 Preparar-Imperf.Ind.3pl. para Ir-Inf. e Dormir-Inf.
 Jantaram (com) espaguete requentado, enquanto os filhos terminavam as tarefas e se preparavam para ir e dormir.
 (Subcorpus: MON2008_10/Section: MON2008_10)

O pretérito perfeito composto do indicativo (*passato prossimo*) vem logo em seguida na pesquisa empreendida neste trabalho. A ocorrência (20) representa esse tempo verbal. Nela, o personagem narra que, de repente, ouviu seu antigo desejo invadí-lo e fazê-lo estremecer como quando era jovem e sentia balançá-lo a alma, e então:

- (20) Allora ho preso e sono andato
 Então Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Pegar-Part. e Ser-Pres.Ind.1sg.AUX Ir-Part.
- di là, da mia moglie.
 até lá, até minha mulher.
 Então, peguei e fui até lá, até minha mulher.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

A seguir, na lista de frequência de uso dos tempos verbais italianos que compõem as CVPs desta pesquisa, tem-se o pretérito imperfeito do indicativo. Em (21), nota-se a representação desse tempo verbal. Nessa ocorrência, num contexto de guerra, alguém se virou contra o Papa quando este exigiu a rendição de Rimini e conservou a cidade de Malatesta, vencendo Mulazzano o exército papal, em 1469.

- (21) Tre anni dopo prendeva e saccheggiava
 Três anos depois Pegar-Imperf.Ind.3sg. e Saquear-Imperf.Ind.3sg.
- Volterra per conto dei fiorentini.
 Volterra por conta de os florentinos.
 Três anos depois pegava e saqueava Volterra em nome (lit. por conta) dos florentinos.
 (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

Com apenas uma ocorrência, em último lugar, nota-se a presença do tempo verbal futuro do indicativo, representada por (22). Aqui, uma personagem diz a outra se esta quer mesmo que seu filho fique pra fora de casa; se é por isso que esta estava fechando a porta; se

ela acha que vai dar uma lição a ele, o que faria se ele desse uma lição a ela indo dormir em outro lugar, porque é isso que uma pessoa razoável faz se fica pra fora de casa:

- (22) Markie non rimarrà lì al freddo a
 Markie não Permanecer-Fut.Ind.3sg. ali no frio para
- Prender-si una polmonite. Prenderà e se ne
 Pegar-Inf.-refl. uma pneumonia. Pegar-Fut.Ind.3sg. e refl. part.
- andrà dove fa caldo ed è benaccetto.
 Ir-Fut.Ind.3sg. onde Fazer-Pres.Ind.3sg. calor e Ser-Pres.Ind.3sg. bem-vindo.
 Markie não permanecerá ali no frio para pegar uma pneumonia. Pegará e irá embora para onde faz calor e é bem-vindo.
 (Subcorpus: MON2008_10/Section: MON2008_10)

Quanto à função pragmática das CVPs, Rodrigues (2006, 2009, 2011a) propôs para o PB que V1 dramatiza e enfatiza o evento (a proposição) de V2, como já explicitado anteriormente. Para o italiano, propomos que as CVPs caracterizem-se pelo mesmo uso. Vimos que Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977) considerou que construções do tipo das CVPs possuem um caráter impulsivo. Porém, essa acepção não subjaz a nenhuma das ocorrências coletadas e, uma vez que Coseriu não apresenta evidências empíricas suficientemente fortes para sustentar essa hipótese, ressaltamos a necessidade de um estudo mais amplo para averiguar se, associado à função de foco, essas construções podem apresentar conotações semânticas paralelas. Na ocorrência (23), pode-se observar a contrariedade à hipótese de Sorrento. Nesse caso, não se pode pensar que o personagem tem a intenção de que os outros comecem a dar a espada a outra pessoa (aspecto impulsivo). Ele pode estar enfatizando o fato de que os outros têm o dever de dar a espada a outra pessoa, que é a proposição que V2 veicula. Portanto, a função das CVPs no italiano também pode ser considerada como sendo de foco, mostrando, assim, a relação de herança desse tipo de construção com as orações coordenadas. O contexto, em (23) é de que um personagem pede para que os outros dêem uma espada a outro personagem.

- (23) Andate e date -gli -ela personalmente.
 Ir-Imp.2pl. e Dar-Imp.2pl.-SPrep.-ACC. pessoalmente.
 Vão e dêem-na a ele pessoalmente.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Paralelo a esse valor pragmático, as CVPs ainda podem se associar a noções semânticas variadas. Elas podem evidenciar que V1 representa uma tomada de decisão em relação ao evento de V2, como já proposto por Stefanowitsch (2000) para construções parecidas com as CVPs em inglês. Esse caso pode estar relacionado com a agentividade do sujeito. A ocorrência (24) exemplifica essa concepção. Nela, o sujeito contava ao seu interlocutor uma história em que estava diante de um cadáver, e, por medo, virou-se. Aqui,

pode-se pensar que o sujeito tomou a decisão de se virar, por causa do seu medo de ver gente morta. A agentividade do sujeito oculto *eu* corrobora essa suposição. Todavia, a nossa hipótese de que seja uma construção de foco não se desfaz por causa dessa concepção de tomada de decisão. Ainda pode-se pensar que o sujeito está dando ênfase ao fato de ter se virado quando viu um morto. A ação de “virar”, nesse caso, é uma informação nova que se contrasta com o resto do enunciado de alguma forma. Assim, esta ação (a proposição de V2) é o conteúdo remático da construção. Dessa maneira, V1 e V2 não podem ser tomados separadamente, mas como um conjunto único.

- (24) E va bene, i morti mi fanno impressione,
 E tudo bem, os mortos refl. Fazer-Pres.Ind.3pl. impressão
- ho avuto paura, che male c'è,
 Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Ter-Part. medo, que mal Existir-Pres.Ind.3sg.
- ho preso e sono filata.
 Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Pegar-Part. e Ser-Pres.Ind.1sg.AUX Virar-Part.
- E tudo bem, os mortos me impressionam (lit. fazem impressão), tive medo, que mal tem (lit. existe), peguei e virei.
- (Subcorpus: MON2005_07/Section: MON2005_07)

Rodrigues (2006) também afirmou que as CVPs do PB ocorrem preferencialmente em narrativas. Esta propriedade pode ser mantida aqui para as CVPs italianas, já que as ocorrências da seção das Narrativas do *corpus* CORIS são percentualmente mais frequentes que as outras. A ocorrência (25) é representativa de uma CVP em uma narrativa. Aqui, os nobres prisioneiros se encontravam na amarga condição de defender a incorruptibilidade da própria honra contra a assediadora tentação de:

- (25) Prendere e andar-se -ne per la propria strada.
 Pegar-Inf. e Ir-Inf-refl.-part. por a propria estrada.
 Pegar e ir-se embora pelo próprio caminho (lit. pela própria estrada).
- (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Quanto à propriedade descrita por Rodrigues (2006) de que as CVPs do PB não podem ser alvo de interrogação, nos corpora pesquisados não foram encontradas ocorrências de CVPs em italiano que fossem alvo de interrogação. Portanto, podemos manter esta propriedade para o italiano, pelo menos na extensão deste trabalho.

6.1 Verbos em posição de V1 nas CVPs *versus* verbos auxiliares

Os verbos que ocupam a posição de V1 nas CVPs possuem propriedades em comum com verbos auxiliares, mas apresentam, por outro lado, algumas propriedades incompatíveis com essa categoria. Tais verbos também não podem ser analisados como verbos lexicais

plenos no âmbito das CVPs, visto que sofrem alterações em suas propriedades sintáticas e semânticas. Desse modo, resta discutir o estatuto categorial dos verbos *andare* e *prendere* nesse contexto.

Segundo Rodrigues (2006, p. 128), pode-se identificar os verbos auxiliares em português baseando-se em duas propriedades principais: “(a) recebem flexão de tempo, modo e pessoa, e (b) se conectam a um segundo verbo, principal, que se apresenta sempre sob uma forma nominal verbal, formando assim uma locução verbal”. Esses aspectos dos verbos auxiliares para o português se mantêm para o italiano.

De acordo com a *Grammatica Italiana con nozioni de linguistica*, de Maurizio Dardani e Pietro Trifone (1995), há os verbos auxiliares que formam tempos verbais compostos. São eles: *essere* e *avere*; que se flexionam em tempo, modo e pessoa e são seguidos por um verbo flexionado no particípio passado (forma nominal). Segundo Dardani e Trifone, há outros verbos que se comportam como auxiliares: os verbos servis (*servili*) e os verbos fraseológicos (*fraseologici*). Os primeiros são os verbos *potere*, *volere*, *dovere*; seguidos de verbo no infinitivo, e indicam, respectivamente, uma possibilidade, uma vontade e uma necessidade; seriam verbos modais, portanto. Os verbos fraseológicos, por sua vez, são *stare*, *cominciare*, *iniziare*, *continuare*, *seguire*, *finire*, *smettere*; que, seguidos de um outro verbo (no infinitivo ou no gerúndio), definem um aspecto particular (ação durativa, ingressiva, etc.); podendo também ser analisados como auxiliares aspectuais. Ainda consoante os linguistas, a voz passiva se dá pelo uso do verbo *essere* como auxiliar, seguido do particípio passado de um verbo.

Assim, em comparação com os principais verbos auxiliares em italiano (*essere* e *avere*), os verbos que ocupam a posição de V1 nas CVPs estudados aqui (*prendere* e *andare*) possuem em comum com aqueles essencialmente as seguintes propriedades: perdem seu significado lexical; V1 e V2 possuem apenas um sujeito em comum; a negação tem escopo sobre todo o conjunto; V1 e V2 são indissociáveis.

Entretanto, as flexões verbais das construções com verbos auxiliares e das CVPs são incompatíveis. Enquanto o verbo principal de uma construção com verbo auxiliar é uma forma nominal, o V2 de uma CVP possui a mesma flexão verbal do V1. Além disso, apesar de ser um fator em comum o caso de a negação ter escopo sobre todo o conjunto, o advérbio de negação *non* em construções com verbos auxiliares precede estes verbos, sendo que nas CVPs tal advérbio precede V2, não V1.

Portanto, as CVPs não podem ser consideradas como casos de auxiliarização, tanto em PB – segundo Rodrigues (2006) – quanto em italiano. Por conseguinte, os verbos *prendere* e *andare*, no que diz respeito ao seu uso em CVPs, não podem ser analisados como verbos auxiliares. Observe a ocorrência (26), num contexto em que uma personagem diz a Dave que ele foi eleito a protetor de Los Angeles, por isso ele deve agir.

- (26) Allora vai, Dave. Vai e fai quello
Agora Ir-Imp.2sg. Dave Ir-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg. aquilo

che devi.
que Dever-Pres.Ind.2sg.
Agora vá, Dave. Vá e faça aquilo que deve.
(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Nesse caso, V1 e V2 compartilham as mesmas flexões modo-temporal e número-pessoal (imperativo/2ª pessoa do singular). Assim, o V1 *andare* não pode ser considerado como um verbo auxiliar, caso contrário, o V2 *tornare* teria que ser uma forma nominal. De maneira análoga, essa construção não pode ser considerada como um caso de auxiliarização, visto que o advérbio de negação *non* entraria antes de V2, e não antes de V1, como seria o caso de uma construção com verbo auxiliar. Essa posição do advérbio *non* nas CVPs é representada pela ocorrência (11), citada anteriormente e repetida aqui:

- (11) Il mio compito è come il vostro: andare e
O meu dever Ser-Pres.Ind.3sg. como o vosso: Ir-Inf. e

non mollare mai.
não Desistir-Inf. nunca.
O meu dever é como o vosso: ir e não desistir nunca.
(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

Muitos autores se ocuparam da análise das propriedades dos verbos auxiliares. Heine (1993 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 134), por exemplo, afirma que “o desenvolvimento de auxiliares envolve construções inteiras não somente uma palavra”. Um verbo pleno, na construção-fonte, seguido por um complemento nominal ou nominalizado passa a ser, na estrutura auxiliar, resultante de um marcador gramatical seguido por um verbo principal, envolvendo, assim, uma mudança morfosintática. Portanto, os verbos auxiliares também passam por um processo de gramaticalização (como as CVPs), “em que um verbo lexical, após sofrer algumas mudanças, como dessemantização e decategorização, adquire a forma e a função de um verbo gramatical”, de acordo com Rodrigues (2006), baseada em Heine (1993).

Conseqüentemente, com a mudança do estatuto lexical para gramatical, o verbo progressivamente perde algumas propriedades (Heine, 1993: 55). Heine distingue vários estágios desse processo de redução ou perda das propriedades verbais. No estágio (i), em vez de um nome, o complemento consiste em um verbo não-

finito/nominalizado; no estágio (ii), o verbo perde propriedades tal como a habilidade de ocorrer na forma de imperativo, de ser nominalizado, ou de ser usado na voz passiva, e deixa de ter um nome como seu complemento; no estágio (iii), o verbo perde sua habilidade de ser negado separadamente e de ocorrer em outras posições na cláusula; no estágio (iv), tendo em vista a construção fonte verbo-complemento, o verbo perde virtualmente todas as demais propriedades e o seu complemento adquire a morfossintaxe de verbo principal (HEINE, 1993 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 135).

Assim, pode-se notar que, apesar de haver muitas semelhanças entre verbos auxiliares em construções coordenadas e verbos em posição de V1 nas CVPs, aqueles se diferem destes em algumas de suas propriedades. Em italiano, por exemplo, o V1 pode estar flexionado no modo imperativo, diferentemente de um verbo auxiliar. Esse caso pode ser observado na ocorrência (16), mostrada anteriormente e repetida aqui:

- (16) Herzl, **vai** e **fai** il tuo dovere.
 Herzl, Ir-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg. o seu dever.
 Herzl, vá e faça o seu dever.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

6.2 Gramaticalização das CVPs em italiano

Partindo da hipótese proposta aqui de que a gramaticalização dessas construções ocorreram num *continuum* de mudança (isto é, não passam diretamente de uma forma-fonte A para uma forma-alvo B, mas A e B coexistem lado a lado), a ocorrência (27) exemplifica uma construção coordenada que pode ter dado origem às CVPs. Neste exemplo, o sujeito diz que Jess precisa de um pouco de incentivo, que a saia preta de renda ficaria perfeita nela, então faz o que consta em (27):

- (27) La prendo e gli-ela metto davanti.
 ACC Pegar-Pres.Ind.1sg. e SPrep.-ACC Colocar-Pres.Ind.1sg. na frente
 Pego-a e coloco-a na frente para ela.
 (Subcorpus: MON2005_07/Section: MON2005_07)

Embora não possamos apresentar, nesse momento, evidências diacrônicas para afirmar nossa hipótese inicial de que as CVPs se desenvolveram a partir da coordenação, ocorrências como (27) podem oferecer subsídios para nossa argumentação nesse sentido. Considerando que a mudança linguística não é abrupta, (27) pode constituir uma evidência sincrônica dessa trajetória de mudança, na medida em que o verbo *prendere* é usado num contexto de coordenação que se aproxima muito das CVPs. A diferença aqui é que em (27) *prendere* está acompanhado de seu complemento *la* (“saia preta”).

Ao contrário do PB, o complemento (objeto direto), em italiano, nunca pode ser omitido, mesmo quando compartilhado por dois ou mais verbos. O pronome ACC sempre

acompanha o verbo, diferente do que ocorre no PB. Essa é, inclusive, uma propriedade que distingue as CVPs italianas da coordenação, já que, se V1 não subcategoriza objeto direto, considera-se que se trata de um caso de CVP.

No exemplo (27), o pronome acusativo *la* refere-se a uma saia e o sintagma preposicional *gli* representa a personagem nomeada por Jess. Nesse caso, o verbo *prendere* ainda tem a propriedade de um verbo transitivo, subcategorizando um objeto direto (*la*) – constituindo, assim, uma construção coordenada. Por outro lado, já se assemelha com uma CVP, por possuir V1 e V2 compartilhando as mesmas flexões verbais e o mesmo sujeito. Dessa maneira, é possível pensar, principalmente baseado nas evidências encontradas em PB, que as CVPs tenham se originado a partir de construções coordenadas como (27), alterando gradualmente suas propriedades sintáticas e semânticas, dando espaço a construções ambíguas, como em (28). Nesta, há o contexto de que um dos personagens, em dúvida e aflito, abriu o Novo Testamento para se inspirar ao bater os olhos na primeira frase, a fim de que orientasse seus pensamentos e sua vida, por isso, o outro personagem diz o que consta no exemplo.

Em (28), contrariando as normas previstas para o italiano padrão, os verbos *prendere* e *leggere*, ambos verbos transitivos diretos, não estão seguidos de seus respectivos complementos (a bíblia ou o Novo Testamento). Desse modo, podemos interpretar semanticamente o enunciado de duas maneiras. Tanto podemos interpretá-lo como “pegue a bíblia e leia-a” como “pegue e leia a bíblia”, que corresponderiam a casos de coordenação e CVPs, respectivamente. O complemento pode ser recuperado no contexto precedente, mas está explícito sintaticamente na posição canônica. A construção (28), portanto, é ambígua, tendo em vista que o objeto do verbo *prendere* pode ser o Novo Testamento citado anteriormente. Entretanto, não se trata mais de uma construção coordenada, já que, em italiano, o objeto direto teria que vir marcado após o verbo, como um pronome que retomasse o Novo Testamento. Portanto, temos aqui um caso de ambiguidade tanto semântica quanto estrutural.

(28) Contraffeci benissimo la voce di un bambino

Falsificar-Perf.Ind.1sg. muito bem a voz de um menino

della casa accanto e ripetei più volte cantando:

de a casa ao lado e Repetir-Perf.Ind.1sg. mais vezes Cantar-Ger.

prendi e leggi, prendi e leggi!
Pegar-Imp.2sg. e Ler-Imp.2sg. Pegar-Imp.2sg. e Ler-Imp.2sg.

Falsifiquei muito bem a voz de um menino da casa ao lado e repeti mais vezes cantando: pegue e leia, pegue e leia!

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Apesar de não ser possível apresentar, nesse momento, evidências mais robustas acerca do desenvolvimento das CVPs em italiano, a proximidade estrutural entre as CVPs e as construções coordenadas, como já atestado mais amplamente no PB e no PE⁸, sinalizam que essa hipótese é forte e precisa ser examinada com mais afinco à luz de evidências empíricas.

8 A ocorrência de CVPs no PE foi consultada no artigo de RODRIGUES & COELHO (2012): “As construções verbais paratáticas: gramaticalização em Português Europeu

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar casos de CVPs na língua italiana, além de comparar essas construções em italiano e em PB. Para tanto, partimos de uma abordagem linguística funcional, apoiando-se nas teorias de gramaticalização e na Gramática de Construções.

Consoante Rodrigues (2011a), descrevemos as propriedades das CVPs no PB a fim de que estas fossem comparadas, na análise dos dados, com as CVPs italianas. Foi possível inferir, a partir dos dados coletados, que as CVPs da língua italiana compartilham a maioria das propriedades das CVPs do PB.

É interessante notar que, como apresentado anteriormente, muitos trabalhos, como por exemplo Stefanowitsch (1999) e Coseriu (1977), apontam para evidências de que construções do tipo das CVPs são translinguísticas e possuem propriedades em comum. Entretanto, autores como Sorrento, citado por Coseriu (1977), dão às construções estudadas uma função pragmática distinta da qual temos por hipótese aqui.

Outro fato interessante é o de que os dados encontrados neste trabalho de pesquisa foram advindos de um *corpus* de língua escrita, contrariando nossas expectativas em relação à ocorrência das CVPs em PB, em que esse tipo de construção é encontrado essencialmente na fala. Todavia, em PE (Rodrigues & Coelho (em preparação)) também pôde-se notar essa ocorrência na modalidade escrita da língua, assim como ocorre com o italiano, de acordo com os dados encontrados aqui. Pudemos observar casos em que as CVPs estão presentes em passagens da Bíblia, em romances, em publicações impressas de todo tipo, entre outros veículos escritos. Entretanto, não podemos chegar à conclusão de que essas construções não existem na língua italiana falada. O *corpus* BADIP (de fala) contém aproximadamente 490.000 palavras, ao passo que o CORIS (de língua escrita) contém em torno de 120.000.000. Portanto, as dimensões do primeiro são aproximadamente 240 vezes inferiores às do outro. Uma vez que os *corpora* em questão não são comparáveis, pode-se imaginar que, em um *corpus* de fala de maior extensão, os resultados poderiam ser mais expressivos.

Pudemos notar, a partir do *corpus* utilizado aqui, que o V1 das CVPs da língua italiana possuem propriedades em comum com verbos auxiliares. Porém, como mostrado anteriormente, V1 não pode ser categorizado como um verbo auxiliar na medida em que apresenta traços que contrariam o estatuto da auxiliarização. Verbos auxiliares são seguidos pela forma nominal de outro verbo e a marcação de negação se antepõe ao V1. Nas CVPs, por

outro lado, V1 e V2 possuem as mesmas flexões verbais e a marcação de negação é anteposta a V2.

A partir dos dados encontrados, também foi possível verificar a viabilidade de se manter, para o italiano, a hipótese de Rodrigues (2011a) de que as CVPs se originaram a partir de um processo de gramaticalização de construções coordenadas. Esta hipótese se baseia no fato de as CVPs possuírem muitas propriedades semelhantes às das construções coordenadas, além de que a função pragmática de ambas as construções assemelham-se. Tanto em CVPs, quanto em orações coordenadas, o V1 tem por função dar foco à proposição de V2. Dessa maneira, foram apresentadas ocorrências que mostram a possibilidade da mudança desde a coordenação até as construções do tipo das CVPs de língua italiana.

Assim, a análise realizada neste trabalho contribui muito para o estudo das CVPs na língua italiana, visto que este estudo é muito escasso, como vimos anteriormente. Além disso, esta pesquisa contribui também para a análise translinguística dessas construções.

Destacamos novamente, por fim, a importância de ampliar esta pesquisa quantitativamente, além de buscar dados de fala da língua italiana, a fim de que seja dada às CVPs sua devida importância, já que são construções pouco estudadas na língua italiana e em suas variedades dialetais.

REFERÊNCIAS

- ARNAIZ, A. & CAMACHO, J. "A Topic Auxiliary in Spanish". In: Gutiérrez-Rexach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston: Cascadilla Press, 1999.
- ASCOLI, G. A. *Un problema di sintassi comparata dialettale*. Agi, 1896.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 4 ed. Berna: A. Francke, 1965.
- BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of the text and discourse*. Wien: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.
- COSERIU, E. Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europea. In: _____. *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977. p. 79-152.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- DARDANO, M.; TRIFONE, P. *Grammatica Italiana con nozioni di Linguistica*. 3ed. Bologna: Zanichelli, 1995.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- _____. *Functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson: Foris Publications, 1978.
- _____. *Studies in functional grammar*. London/ New York: Academic Press, 1980.
- _____. *The theory of functional grammar*. 2. ed. by K. HENGEVELD. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- _____. Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticalization, and the locus. Rice Symposium, MS, University of California: Santa Barbara, 1993.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field. *CLS*, v. 7, 1971.
- _____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. I
- GOLDBERG, A. E. Constructions. In: _____. *A constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES et al. (org). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- GEBRUERS, R. S. C. Dik's functional grammar: a pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (eds.). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 101-134.
- HALLYDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

- _____. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- _____. Grammaticalization. In: Brian D. Joseph & Richard D. Janda (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003; p. 575-601.
- HENGEVELD, K. *Dik: the theory of functional grammar 2*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- HILPERT, M.; KOOPS, C. A quantitative approach to the development of complex predicates. The case of Swedish Pseudo-Coordination with *sitta sit*. *Diachronica*, 25:2, págs. 242-261, John Benjamins Publishing Company, 2008.
- HODGE, C. T. The linguistic cycle. *Language Sciences* 13: 1-7, 1970.
- HOPPER, P. J. Hendiadys and Auxiliation in English. In: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 145-173.
- _____. Emergent Grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, vol. 13, 1987, p. 193-157
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. (2. ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. (6ed.). São Paulo: Ática, 1993.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. C. T. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. *Suplementos de Lusorama (Germany)*, v. 85-86, p. 107-136, 2011.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, Ed. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Cunha, M.A.F.; M.R. Oliveira & M.E. Martelotta (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTINET, A. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *Alfa*, v. 38, 1994.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. In: *Annual Reviews Anthropol.* 13, 1984, p. 97-117.
- PULLUM, Geoffrey K. Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: Joseph, B. D. and Zwicky, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs*. The Ohio State University, Department of Linguistics, 1990.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Português*. 40ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RODRIGUES, A. T. C. *Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo foi fez no Português do Brasil*. Campinas, 2006. Tese de doutorado, Unicamp.

_____. 2008. Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: gramática de construções de contexto de gramaticalização. In: Castilho, Ataliba. *História do Português Paulista*. Série de Estudos, Vol. 1. Parte III, Capítulo 9. Campinas/SP, Setor de Publicações do IEL/UNICAMP.

_____. Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: gramática de construções de contexto de gramaticalização. In: Ataliba Castilho (org.). *História do Português Paulista*. Série de Estudos, Vol 1: 267-278. Campinas/SP: Setor de Publicações do IEL/UNICAMP, 2009.

_____. *Gramaticalização de construções em línguas românicas*. Araraquara, 2011a. Projeto de Pesquisa. FCL/Unesp. Triênio 2011-2013.

_____. Sobre a emergência de construções: evidências translinguísticas. In: *Revista Letras & Letras*. Volume temático: Construções emergentes. Uberlândia: Edufu, vol. 27, n. 1:, 2011b; p. 111-125.

RODRIGUES, A. T. C.; COELHO, C. O uso do verbo agarrar em construções do português brasileiro e europeu (em preparação).

ROHLFS, G. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. Berna, 1954.

_____. *Griechischer Sprachgeist in Süditalien*. Munich, 1947.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. (Studies in Interactional Sociolinguistics, 5)

SORRENTO, L. Continuità latina e innovazioni romanze nei costrutti sintattici coi verbi di movimento specialmente nelle parlate italiane. In: _____. *Sintassi romanza*. Ricerche e prospettive. Varese-Milán, 1949.

STEFANOWITSCH, A. The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events. In: Nordquist, D. & Berkenfield, C. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.

STEFANOWITSCH, A. The English go-(PRT)-and-VERB construction. Proceedings of the Twenty-sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, February 18-21,2000, University of California, Berkeley, 2000.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: Joseph, B.; R. D. Janda. (eds) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: Castilho, Ataliba T. de (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.